

## Elogios em memória de Alfredo Margarido

Proferidos em 14 de outubro de 2010 no momento da cremação dos seus restos mortais no cemitério do Alto de S. João em Lisboa. Apresentam-se as três intervenções, pela ordem em que foram lidas na cerimónia: (1) de Adelino Torres, (2) de António Branquinho Pequeno e (3) de Inocência Mata. Na cerimónia interveio igualmente Fernando Pereira Marques (ULHT), mas que não apresentou texto escrito.

### 1. Intervenção de Adelino Torres

Estamos aqui, nesta hora dolorosa, para nos despedirmos de Alfredo Margarido, mestre insigne das universidades francesas e da Universidade Lusófona de Lisboa, ensaísta talentoso e criativo, dos melhores que o nosso país teve em muitos e muitos anos, romancista, poeta, tradutor, pintor sensível, intelectual cumprindo – diria que «implacavelmente» – o seu «ofício» de «intelectual» na plena e mais nobre aceção da palavra (o mais difícil dos «ofícios» que se podem conceber, sobretudo nos dias de hoje), o que em Portugal tem custos que pouco imaginam neste tempo de concessões, de facilitismos e de esquecimento da palavra dada, a sua aparente «intransigência» era apenas fidelidade à alta ideia que tinha do seu «ofício» de manejar a palavra ao serviço de causas e de pensar o pensamento para abrir caminho à sua continuada luta contra a «intolerância».

A sua maneira de estar e a sua obra ficam, para todos os que o conheceram ou apenas o leram, como um exemplo de honestidade intelectual, de desinteresse pelas coisas materiais, de exigência para consigo próprio e para com a profissão que escolheu, que eram sobretudo as de um pensador inconformado, que pensa mais fundo e mais

158 longe, a par disso, era o mais generoso dos homens, de que tenho exemplos pessoais durante os 50 anos em que convivemos, em Angola, em França, por escrito durante os cinco anos do meu desterro argelino e, finalmente, em Portugal desde os anos 70.

Igualmente «inocorrível», por assim dizer, na campo do político, o Alfredo sobrevoava de muito alto a pequenez quotidiana de todos aqueles a quem as alturas causam geralmente vertigens; o Alfredo parte agora mas, ao mesmo tempo, fica entre nós.

Mais tarde ou mais cedo outros reunirão a sua obra dispersa em jornais, revistas e enciclopédias em diversas línguas, obra de que ele mesmo, sempre despreocupado com o «passageiro», nem se lembrava onde estaria.

Mas as jovens gerações, que tanto o preocupavam, descobrirão certamente, mais tarde, o muito que ele escreveu e prestarão a homenagem merecida a um ousado e corajoso pensador cuja vida foi norteadada por princípios éticos – nesse particular a África fica grande devedora do seu labor – e girou sempre em torno de conceitos como «democracia», «inconformismo» e «liberdade intelectual».

Todos lhe devemos alguma coisa, portugueses, franceses e, em especial, os jovens africanos que constroem, na atualidade, a África de amanhã, quer dizer a «África do Renascimento» já em marcha neste momento e que marcará o mundo nas próximas décadas.

E porque Alfredo Margarido parte agora na viagem sem retorno, é altura de lhe dizer, como ele gostaria: «Alfredo, ce n'est pas un adieu. Ce n'est qu'un au revoir...»

## 2. Intervenção de António Branquinho Pequeno

Alfredo Margarido deixou-nos: uma imensa perda para a investigação, a docência, o pensamento crítico. Fica a obra escrita, imensa e dispersa. Não me alongarei sobre a sua intervenção em tantas vertentes do conhecimento que estiveram na mira das suas preocupações: a Sociologia (École des Hautes Études, de Paris), a Antropologia, a Filosofia, a História das mentalidades. Mas também a Literatura, para além da divulgação e do esforço teórico em torno do «novo romance». A Literatura portuguesa esteve largamente no seu horizonte (Pessoa, Cesário Verde, Teixeira de Pascoais, Camilo Pessanha, Régio, etc.) mas

também a brasileira, nomeadamente Gregório de Matos. Com Haroldo de Campos partilhámos a «aventura» da poesia concreta.

Arguto conhecedor de África, do império da Lunda ao reino de Monomotapa, as Literaturas das Nações africanas de língua portuguesa mereceriam aqui todo um capítulo, na sua vasta obra. Também o cinema se inscreveu no percurso da sua docência universitária, nomeadamente em Amiens. Tal como as artes plásticas (cf. António Pedro, Cesariny, Mário Henrique Leiria, Isabel Meyrelles, Cruzeiro Seixas, entre tantos).

Acompanhei Alfredo Margarido durante mais de 40 anos, por muitos caminhos, primeiro em Paris, desde 1964, exilado, onde eu também já me encontrava, na mesma situação. Companheiro no sentido etimológico de «companio», o que partilha o pão, em que aqui incluo o pão do conhecimento. As primeiras cumplicidades foram pois políticas, que maio de 68 reforçou. Neste contexto, cruzávamo-nos, entre tantos, com Gérard Chaliand, Jean Mettas e o seu trabalho sobre as «Grandes expedições negreiras francesas no séc. XVIII», um investigador francês que, já nos anos 60, procurava e escutava atentamente Alfredo Margarido sobre matérias de tráfico negreiro e comércio triangular. Foi aliás Jean Mettas quem me alertou para a pertinência e a profundidade das reflexões do intelectual português nessa matéria, que acabava de chegar, exilado.

Mas também Amílcar Cabral, obviamente, connosco se cruzou. Tal como Câmara Pires, rua Hippolyte Maindron, no XIV<sup>e</sup> *arrondissement* de Paris, etc. Em paralelo ou em simultâneo, decorreram outras cumplicidades académicas, na Sorbonne e fora dela, com os filólogos e linguistas Celso Cunha e Lindley Cintra. Georges Boisvert era das relações próximas de Alfredo Margarido. Outros nomes me ocorrem desse período, Raymond Cantel e a literatura de cordel, I.S. Révah e os seus «Arquivos da Inquisição», Gerd Bornheim, grande filósofo e humanista brasileiro. Paul Teyssier e a «língua de Gil Vicente». O pensamento crítico nunca esteve ausente destes encontros. Luciana Stegagno Picchio, companheira comum de tantos colóquios e encontros, de Nápoles a Paris, de Paris a Tours; mas também Joseph Gabel e a «falsa consciência», em Amiens. Sem esquecer Trinh Van Thao, também da Universidade da Picardia, depois em Aix-en-Provence. As minhas cumplicidades académicas com Alfredo Margarido continuaram em Portugal, depois de 1994. Dele, em alguma coisa, sempre fui tributário.

Uma das facetas do perfil deste grande viajante da inquietação e da curiosidade intelectual que mais me interpelou, e que talvez não tenha merecido a necessária atenção, foi a do «descodificador». Irreverente, polémico, contundente, Alfredo Margarido descodificava, desmontava saberes consagrados, punha em causa regras do jogo estabelecidas e conceitos instalados. Mas esse era um prato que ele servia frio, a emoção contida e o gestual sóbrio. Na sedução da palavra e pela palavra desde sempre seduzido.

Muitos «notáveis», dentro do país, mas também além fronteiras, nomeadamente em França e no Brasil, dele foram largamente tributários e beberam dos seus generosos ensinamentos, mas disso se «esqueceram», afastando-se, sem mencionar essa contribuição na defesa das suas teses e nos respetivos currículos académicos. Mas a História se lembrará.

A minha homenagem vai também – por aí poderia eu ter começado – ao combatente antifascista e anticolonialista, desde a Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa.

Há quem tenha recebido em vida, da sociedade, das instituições e dos governantes, mais do que mereciam, mais do que lhes cabia

E há quem tenha dado muito e recebido bem pouco e mal. Foi este o caso de Alfredo Margarido. Primeiro «matam-nos», depois honram-nos. Uma dívida social que começara a ser amortizada com a homenagem que a Reitoria da Universidade de Lisboa, de parceria com a Universidade Lusófona, lhe fizeram em dezembro de 2009, na Reitoria da Universidade de Lisboa. Mas a vida não quis esperar mais tempo. Resta-nos a sua memória. Ultimamente, pude constatar, com o agravamento do seu estado de saúde, que ele perdera quase por completo a sua capacidade física de rir, o que me entristecia, porquanto no passado muito ríamos e fazíamos rir, mais em Paris do que em Lisboa, em tantos anos de convivência. Mas não era um riso alvar, o seu, antes sóbrio, como que contido, meio sufocado, mas saudável. Se o riso se ausentou, a ironia, essa continuou sua companheira até ao fim: longo e penoso foi o seu contencioso com os serviços hospitalares por onde passou, lá fora e cá dentro, no passado e no presente. As consultas nem sempre decorriam nos termos exigidos pela «lei». Por ocasião de uma dessas consultas, o médico comunica que a postura do paciente é muito formal, ao que Alfredo Margarido responde: «quem deve estar

no “formol” é o Senhor». Sabemos que não se tratava de uma qualquer confusão mental mas fina ironia no jogo de palavras.

Outros episódios, ainda mais picantes, ocorreram noutras situações.

Um último ponto: não creio que amanhã, dia 14 de outubro, muita gente o venha acompanhar ao cemitério do Alto de S. João, para a cerimónia da cremação. Gostaria de me enganar. Mas, a confirmar-se esse prognóstico, seria talvez a sua última mensagem.

Creio que ele tinha consciência, talvez amargamente, que a ousadia e a frontalidade são, de algum modo, companheiras de muita solidão.

### 3. Intervenção de Inocência Mata

Apesar de não ser africano, pode aplicar-se ao Professor Alfredo Margarido a tão conhecida e profunda afirmação do intelectual maliano Amadou Hampâté Bâ, segundo o qual «Em África, quando um velho tradicionalista morre é uma biblioteca inexplorada que se queima».

É, na verdade, o que se acontece com este desaparecimento: o Professor Alfredo Margarido era de um conhecimento excepcional, caracterizado por uma transversalidade disciplinar, que ia da sociologia à antropologia, da história aos estudos literários, da ciência política às ciências sociais, como provam ensaios como *Plantas e Conhecimento do Mundo nos Séculos XV e XVI* e *As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*.

O Professor Alfredo Margarido é um dos mais conceituados nomes dos Estudos Africanos em Portugal. Todavia, estranhamente, nem em Portugal a sua obra tem a projecção que merece. Este intelectual africanista – e enfatizo esta palavra, «africanista», tantas vezes vãmente repetida – é, juntamente com os homens da «Geração de Cabral» (expressão de Mário Pinto de Andrade), pioneiro dos estudos sobre literaturas africanas, desde os anos 50 (quando, então, a designação «oficial» era «literaturas ultramarinas» e quando também publicava sob os pseudónimos Lúcio da Câmara, Manuel Kamdiba e Paulo Saraiwa, por imperativos da ordem colonial-fascista).

Tive o privilégio de o conhecer pessoalmente quando ainda estudante na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela mão de outro mestre que recordo com muita saudade, o Professor Manuel Ferreira, num encontro sobre literaturas africanas, depois de o conhecer através de *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua*

162 *Portuguesa*, coletânea de 1980 que reúne uma ínfima parte do que foi escrevendo ao longo dos tempos – uma obra ainda hoje incontornável dos estudos literários africanos, no que ela tem de informação contextual e vivencial, numa área em que, infelizmente, os protagonistas vão desaparecendo e com eles os registos históricos. Foi também um dos mais dinâmicos colaboradores do boletim *Mensagem*, órgão da CEI, sob a chancela da qual organizou e fez publicar antologias «fundadoras» como *Poetas angolanos* (1962), *Poetas de Moçambique* (1962), *Poetas de S. Tomé e Príncipe* (1963), que contribuíram para a legitimação literária da reivindicação dos sistemas literários como vertentes de culturas nacionais, numa fase em que estes eram pensados, pela ideologia colonial, como realizações da «portugalidade» – antologias que seriam reeditadas em 1994, em dois volumes, com um longo e excelente prefácio seu, *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963)*, pela efémera Associação Casa dos Estudantes do Império.

Não foi em vão que falei de outros dois nomes maiores dos literários africanos, cuja obra é seminal nesta área: Manuel Ferreira e Mário Pinto de Andrade. É que eram – são – homens que fazem parte daquela geração que pensa que o saber tem de ser partilhado, o saber não poder ser uma arma para construir dominâncias; eram homens generosos que faziam do saber um veículo de elevação cultural. Com eles aprendi também que o conhecimento não existe, *de per se*, nos livros ou, agora, na internet: o que existe nesses «lugares» é informação.

E conhecimento é a nossa capacidade de processar a informação. E para isso, é necessário relacionar pontas e linhas várias dos contextos históricos e culturais, o que hoje é considerado ultrapassado. Disso falámos muitas vezes e quantas vezes o Professor Alfredo Margarido, com a sua conhecida frontalidade, desmontava aquilo que ele considerava lacunas de conhecimento.

Costumava dizer que ao professor Alfredo Margarido eu só fazia uma pergunta quando tivesse tempo: o seu conhecimento era tão vasto que não nos apercebíamos do tempo a passar. E não apenas sobre a África. Lembro o meu deslumbramento quando, também ainda estudante, descobri, numa consulta aos números do *JL-Jornal de Letras* na Biblioteca Nacional, uma nova abordagem dos estudos pessoais que os meus estudos formais nunca haviam abordado: o contexto ideológico da obra pessoal, marcado pelo Nacional-Socialismo. Com efeito, a

partir dos anos 70, e particularmente nos anos 80, Alfredo Margarido publicou uma série de artigos no *JL* sobre essa vertente da obra de Fernando Pessoa, porventura menos celebrativa. Creio que com ele aprendi que a irreverência apazigua a inquietação intelectual – embora se pague bem caro. E creio que muitos reconhecemos que Alfredo Margarido pagou bem caro essa sua postura intelectual inquieta e irrequieta.

163

Por tudo isso, este é também um tempo triste para a África. Muito do conhecimento e da divulgação, em Portugal, de África se deve a este português apaixonado pelo mundo (porque não apenas a África foi sua preocupação, mas também a América, e não apenas o Brasil). Foi para a África uma grande perda – a perda de um africanista que tentava perceber a África, que escrevia sobre a África para a compreender – não «prescrevia» a África. Um dos últimos verdadeiramente «africanistas»! Com Alfredo Margarido, a palavra «africanista» tinha uma outra dimensão: a dimensão do respeito pelos africanos.